

# humanitas

**Vol. XXXV-XXXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV  
C O I M B R A

MARIO CANTILENA, **Enjambement E Poesia Esametrica Orale: Una Verifica**, Quaderni del Giornale Filologico Ferrarese, Ferrara, 1980, pp. 94.

Depois de caracterizar o enjambement como um processo «intrinsecamente particular» da versificação, apresenta o A. a tese de Parry, formulada pela primeira vez no famoso artigo «The Distinctive Character of Enjambement in Homeric Verse», publicado em 1929, da importância do enjambement como característica distintiva do estilo literário em contraposição ao estilo oral. Este tese, que tem tido a aprovação da generalidade dos autores, não pode, no entanto, no critério de M. Cantilena, ser aceite sem discussão e é ao reexame deste problema que é dedicado o presente estudo. Objectivo fundamental da investigação é demonstrar como a diferença entre textos orais e literários é, do ponto de vista do enjambement, «sensivelmente inferior a quanto resulta das amostras de Parry» (p. 7).

Na sua análise, o A. utiliza a classificação, que considera extremamente funcional, dos diversos tipos de enjambement, proposta por Kirk, em 1966 («Studies in Some Technical Aspects of Homeric Style. II. Verse-structure and Sentence-structure in Homer», YCS XX). Anote-se a orientação metodológica da fidelidade à pontuação do editor escolhido. A este respeito poderá observar-se que a vantagem da possibilidade de fácil verificação, aduzida pelo A., não compensa as desvantagens da falta de uma reavaliação pessoal dos casos controversos.

Justifica-se a apreciação geral que o A. faz ao método de Kirk: «Além de fornecer um modo eficaz de classificar o enjambement, a análise de Kirk tem o mérito de descrever, mediante poucos símbolos, alguns aspectos essenciais da estrutura sintáctica do verso». Entretanto não parece correcta a posição do A. relativamente à questão da diferença entre independência real e independência potencial dos versos, negada por Kirk e aceite pelo A., que defende a ideia da existência de versos auto-suficientes dum ponto de vista gramatical. A «possibilidade» da auto-suficiência gramatical dum verso não significa, a meu ver, que este verso seja independente do que precede ou segue. É o caso de II 763-4, citado pelo A.:

*οἱ δὲ δὴ ἄλλοι  
Τρῶες καὶ Δαναοὶ σύναγον κρατερὴν ὁμίλην.*

«Τρῶες, etc.» «pode» ser gramaticalmente autónomo, mas no contexto não o é. Justifica-se, portanto, a posição de Kirk nesta matéria.

Assinale-se a adequada valorização, feita por Cantilena, da «palavra adiada» e do processo paratático da «acumulação» para uma análise circunstanciada do estilo homérico.

O primeiro confronto, neste domínio do enjambement, entre os dados estatísticos elaborados por Kirk em relação a  $\Pi$  e os que resultam da estatística do A. relativa a I e  $\mu$  leva aos seguintes resultados: os versos «autónomos» de tipo 0 e 1 correspondem a 25,95% em  $\Pi$ ; a 36, 53% em I e  $\mu$ . Mas o interesse destes resultados é imediatamente desvalorizado pelo A. ao referir-se às diferenças de conteúdo e, conseqüentemente, de estilo entre estes cantos.

Avança o A. na verificação «experimental» da validade do enjambement como critério negativo de oralidade, no sentido de confirmar, desmentir ou redimensionar as conclusões de Parry sobre este ponto. As reservas postas à tese de Parry não me parecem, porém, suficientemente apoiadas pela argumentação.

Saliente-se, em primeiro lugar, a justeza da observação de que o estilo *formular* de Homero explica a redução do enjambement «necessário». É evidente que a dicção formular tende a preservar a unidade rítmica do verso, acentuando, portanto, a discontinuidade sintáctica entre verso e verso. Aliás, como o A. justamente refere, a unidade rítmica do hexâmetro é, de algum modo, preservada pelo elemento *anceps* final, mesmo quando há enjambement. Daqui a tese do A.: «os textos compostos oralmente tendem a preservar a unidade rítmica do hexâmetro mais do que a continuidade sintáctica» (p. 27). Curiosamente esta posição confirma a tese de Parry. A mesma interpretação se pode dar à afirmação, feita pelo A., a págs. 31: «Mas certamente existe uma diferença enorme entre a possibilidade de complicar a ordem normal das palavras que tem um poeta de escrita e a de que se pode servir um poeta oral». Afinal, o A. acaba por reconhecer, no essencial, a validade da tese de Parry, quando escreve: «A intuição de Parry achou um conforto numérico claramente inferior ao previsto, mas ficou confirmada» (p. 34).

Um apêndice muito útil analisa a relação sintaxe-verso nos cantos I e  $\mu$  de Homero, nos *Hinos Homéricos*, na *Batracomiomaquia* e nos *Hinos hexamétricos* de Calímaco. Finalmente, o A. apresenta um quadro sinóptico dos resultados das análises realizadas. Valorizaria o trabalho a inclusão de uma bibliografia.

Em conclusão, este estudo sobre o enjambement e a poesia hexamétrica oral constitui um esforço meritório para reexaminar a questão importante da diferença entre estilo literário e estilo oral no domínio da literatura grega.

M. O. PULQUÉRIO

R. G. A. BUXTON, *Sophocles. Greece and Rome, New Surveys in the Classics*, n.º 16. Oxford, at the Clarendon Press, 1984, pp. 38.

«Primariamente destinado a estudantes», este livro consegue, ultrapassando as expectativas modestas do A., interessar os próprios especialistas da tragédia sofocliana. O arguto reexame das principais questões que, nas últimas décadas, têm ocupado os estudiosos de Sófocles estimula a «revisitar» uma obra que, apesar dos esforços exegeticos desenvolvidos, continua a suscitar as mais amplas discussões.